CASTRO ALVES

Vasques Filho

A verdadeira Arte, a Arte erudita, é imortal. E quando se afirma que o que existe hoje é a Não Arte, é conveniente nos lembremos, por exemplo, que a Música possui sempre quatro compassos básicos, sete notas, sete bemóis e sete sustenidos, e o nosso ouvido exige afinação. Usados, notas e acidentes, sem a obediência daquelas regras ditadas pela natureza, que os milênios consagraram, teremos um amontoado de sons dissonantes, desagradáveis ao ouvido, porque desarmônicos. Falta-lhes a harmonia, que é a ciência ou arte de formar e encadear acordes, ou sons consonantes, agradáveis ao ouvido.

A Poesia, sendo música, não foge às regras impostas pela natureza. Quando lhe falta sonoridade, harmonia, desagrada ao ouvido. Harmoniosa, é Arte verdadeira. É Arte imortal, que atravessa gerações e transmonta os tempos, sempre lida, cantada ou declamada. E não desaparecerá jamais ao atropêlo de escolas ou reformas. Existirá e subsistirá na beleza dos motivos e na musicalidade do vocabulário, como certos monumentos da Hélade, ainda hoje admirados. A Música e a Poesia eruditas são imortais. Aí estão, varando os tempos, sempre admiradas, as obras de Korsakov, Brahms, Chopin, Bach, Mozart, Verdi, Rossini, Wagner, Mendelsohn, Schubert, Lehar, Strauss. Aí estão as Odes de Anacreonte, os poemas de Ovidio, de Homero, de Vergílio, e os versos de Camões, Quental, Bilac, Gonçalves Dias, Castro Alves.

Releva recordar, aqui, as palavras de Belarmino Barreto (DECENÁRIO DE CASTRO ALVES, Cachoeira, 1902 vol. I, pág. 6): «Enquanto um poeta, embora morto vive no coração da familia e dos parentes, dos amigos de infância, dos colegas de estudo, dos camaradas que encontrou em sua existência e ligam ao literato lembranças, recordações e saudades,

que só deviam pertencer ao homem, êsse poeta não entrou já o templo da imortalidade, porque de algum modo pertence ainda ao número dos vivos».

Afigura-se-nos que Belarmino Barreto tinha sobejas razões ao emitir conceitos tão justos, medindo com firmeza o verdadeiro senso da imortalidade, porque o estro poético de ANTÔNIO FREDERICO DE CASTRO ALVES, cujo centenário de morte transcorrerá no próximo ano, ainda pertence ao número dos vivos, porque seus versos ainda hoje são lidos e relidos pelas gerações que o sucederam, ressurgidos, como a Fenix, das cinzas do que se diz haver morrido.

Nascido na fazenda Cabaceiras, na então freguesia de Muritiba, Bahia, aos 14 de março de 1847, vamos encontrá-lo, em 1855, freqüentando o Colégio Sebrão, de onde se transferiu, em 1858, para o Ginásio Baiano, dirigido pelo Dr. Abílio César Borges, a quem oferece seus primeiros versos e aparece na imprensa por vez primeira, a 16 de novembro de 1859. Nascia o poeta que, a 3 de julho de 1861, incumbido de cantar sua terra, emprega as palavras Liberdade e Grandeza, contando-se entre os alunos de proa do Padre Turíbio T. Fiuza e do grande mestre Ernesto Carneiro Ribeiro, maravilhando a todos ao traduzir em versos uma Ode de Horácio.

Na Chácara da Boa Vista, onde residiu com a família ainda em 1858, marcou-lhe indelèvelmente a memória a visão de um tronco e uma senzala ali existentes, talvez um dos motivos, além de sua sensibilidade acentuada, que o fizeram abolicionista convicto, angustiado pelos problemas humanos.

«Caminheiro que passa pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

....

....

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou».

(A Cruz da Estrada, Recife, 1865, in «Poetas Românticos Brasileiros», ed. Amádio Ltda., S. P., págs. 176-177).

«Ó Mãe do cativo! que fias à noite
A rêde que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó Mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha».

(A Mãe do Cativo, op. cit. pág. 189)

São versos de incomum sensibilidade, e não importa a crítica comparativa que lhe faz ao estro M. Nogueira da Silva (GONÇALVES DIAS E CASTRO ALVES, ed. A Noite-Rio), julgando-o inferior ao do bardo maranhense, de quem teria sofrido influência e até plagiado alguns versos, fato êste nunca apontado pelo poeta indianista, seu contemporâneo, porque logo adiante o mesmo crítico vai considerá-lo um grande poeta e merecedor das palmas da glória. É que Nogueira da Silva apenas não concorda quando dizem que Castro Alves é o maior poeta brasileiro, que sua preferência vai para as bandas do maranhense. E vai ao ponto de afirmar que o poema DALILA, I, que foi, na segunda época do romantismo brasileiro, uma das mais populares poesias, tem núcleo central de imagens no poema ZULMIRA, I de Gonçalves Dias, e que AHASVERUS, II, tem raízes em Y-JUCA-PIRAMA.

Não duvidamos das possíveis influências de Gonçalves Dias no estro de Castro Alves, porque mais velho e mais lido na época, mas tanto um como outro, como todos os românticos, todós êles se abeberam na mesma fonte, a francesa, em E. TURQUETY (Oh l'amour, c'est la vie...), Beranger, Victor Hugo, Lamartine, Vigny e outros. Contudo, precisamos considerar Castro Alves um mestre no desenvolver as excelentes idéias do seu sentimento poético, nas suas duas faces: a épica e a lirica.

Não vamos ao exagêro de apontá-lo *«um épico genial, por certo, o maior de tôdas as Américas e quiça do próprio universo»* (Conferência de AGRIPINO GRIECO — «OS GRANDES MORTOS», in «O Jornal», Rio, 3 de julho de 1937), mas é certo que devemos incluí-lo entre os grandes épicos da língua portuguêsa:

«Canta, filho da luz da zona ardente
Dêstes cerros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lúgubre, estridente,
Em que aprendeste — a rebramir teus brados.
Levanta das orgias — o presente,
Levanta dos sepulcros — o passado,
Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do Sul ao Norte... do Oceano aos Andes!»

(ADEUS, MEU CANTO. III — Recife — 1865 — op. cit. pág. 220)

Quem negará a verdadeira Arte nessa oitava, que, só não é rigorosamente camoneana por faltar-lhe a rima obrigaria no sexto verso? E nestas?:

«A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!
A briga colossal dos elementos!
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parcéis sangrentos,
Relutantes na dor do cataclismo
Os braços do gigante suarentos
Agüentando a ranger, (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lhe cai do ombro!

. . . .
. . . .

Grupo enorme de fero Laocoonte
Vira a Grécia acolá e a luta estranha!...
Do sacerdote o punho e a roxa fronte...
E as serpentes de Tênedos em sanha!...
Por hidra — um rio! Por áugure — um monte!
Por aras de Minerva — uma montanha!
E em tôrno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos chorando-lhe — os penedos».

(A Cachoeira, 1867, op. cit. pág. 239)

Poeta do entusiasmo que entendeu o momento da história, lançando-se como líder de uma geração moça que o seguia nas idéias políticas e literárias da época. Afável, simpático, olhos grandes, fronte alta e espaçosa, talento poético invulgar, fascinava pela apresentação pessoal e pela voz, criando estilo no traje e no penteado. Democrata e exaltado republicano em plena monarquia, foi abolicionista por convicção:

«Ontem a Serra Leoa.
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão, negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...»

(NAVIO NEGREIRO, V, S. Paulo, 1863, op. cit. pág. 201).

Profligou o tráfico de escravos e o azorrague do feitor, evocando a liberdade nas côres do símbolo da pátria e nos feitos históricos de Colombo e dos Andradas:

«Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Fôste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Nôvo Mundo!
Andrada! arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!»

(NAVIO NEGREIRO, VI, págs. 202-203)

Publicou sua primeira poesia escrita — DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM — no Recife, aos 23 de junho de 1862, e desde então pontificou na imprensa daquela cidade, como na de Salvador e na do Rio. Traduziu Lamartine, Byron, Guilherme Best-Gama, Vitor Hugo, Abigail Lozano e outros vultos da literatura estrangeira, e glosou motes de Tobias Barreto no Teatro de Santa Isabel, e foi coroado de louros por seus coetâneos.

Na sua peregrinação por amores a Eugênia Câmara, acompanhando-a em suas temporadas teatrais, abandonava estudos jurídicos e aportava de súbito em Salvador, no Rio ou em São Paulo. No Rio, avista-se com José de Alencar através de uma apresentação de Fernandes da Cunha. Alencar, por sua vez, leva-o a Machado de Assis, que lhe exalta a obra, ao conhecer-lhe a peça dramática «GONZAGA», que pouco antes encenara com sucesso na Bahia, e também com êxito absoluto seria encenada em São Paulo, pelos melhores artistas da época, no Teatro São José.

Em São Paulo, sempre acompanhando Eugênia Câmara, matricula-se no quarto ano de Direito, que não chega a fazer, mas colabora nos jornais O IPIRANGA, IMPRENSA ACADÊMICA, INDEPENDÊNCIA, REFORMA e CORREIO PAULISTANO. Escreve a «ODE AO DOIS DE JULHO», e antes de declamá-la profere um período em prosa: «O Ipiranga conhece o Paraguaçu. O Sete de Setembro é irmão do Dois de Julho. Não há glória de uma província, há glória de um povo. É sempre o Brasil o herdeiro augusto dos herois, êsses prólogos sublimes».

Ao recitar o poema PEDRO IVO, é consagrado o poeta-vidente da Abolição e da República. Patriota ardoroso, assentara praça no Batalhão de Voluntários da Pátria, a 19 de agôsto de 1865, mas não foi ao front paraguaio.

Criticam-lhe, alguns, os versos por pomposos, mas todos são acordes em exaltar-lhe o gênio. Se peca, algumas vêzes, na sintaxe, seus versos contém a expressão do belo, a harmonia da poesia erudita. Joga bem com as antíteses e as apóstrofes, que lhe dão a impetuosidade da eloqüência, e as palavras são explosões dos lances ditados pela inspiração abundante e preciosa.

«Talhado para as grandezas
P'ra crescer, criar, subir,
O Nôvo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuário de colossos —
Cansado doutros esboços
Disse um dia Jeová:
«Vai, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna oficina...
Tira a América de lá.

....
....

Por uma fatalidade
Dessas que descem do além,
O século que viu Colombo,
Viu Gutemberg também.

«Quando no tôsco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sêde de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmen — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar».

(O LIVRO E A AMÉRICA, Bahia, 1867, op. cit. págs. 11-13).

Se foi um condor de altos vôos pela liberdade, também foi pássaro cativo do lirismo, perdidamente apaixonado pela atriz Eugênia Câmara, e por quem travou polêmica com Tobias Barreto, no Recife, e a quem imortalizou com versos

«Que queres? Ouve — são mil palmas férvidas,
Olha — é o delírio, que prorrompe audaz.
Pisa! — são flôres, que tu tens às plantas,
Toca na fronte — coroada estás».

(A EUGÊNIA CÂMARA, Recife, 1866, op. cit. pág. 106).

«Tens a beleza de uma Vênus grega!
Tens o gênio de Safo, ardente, mística!
De um anjo o coração!
Só tu cinges o tríplice diadema,
— A beleza nas formas — n'alma o gênio
— E no seio a paixão».

(TRÍPLICE DIADEMA, no álbum de Eugênia Câmara, Recife, 1866, op. cit. pág. 116).

Amou a muitas mulheres, e sofreu por amor. Para cada uma tem um sorriso e um verso. Seus arroubos de lirismo, muitas vêzes, são classificados pelos críticos de lascivos, como nestes versos de arte maior:

«Meu amor... Meu amor é um delírio...
É volúpia, que abrasa e consome.
Meu amor é uma mescla sem nome,
És um anjo, e minh'alma — um altar.
Oh! meu Deus! manda ao tempo, que fuja,
Que deslizem em fio os instantes,
E o ponteiro, que passa os quadrantes,
Marque a hora em que a possa beijar».

HORA DE MARTÍRIO, recife, 1866, op. cit. pág. 112).

Seu estro é suave como o zéfiro do entardecer nas sextilhas de MARIA (op. cit. págs. 222-223):

I

Onde vais à tardezinha
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...

II

Mimosa flor das escravas!
O bando das rolas bravas
Voou com mêdo de ti!...
Levas hoje algum segrêdo...
Pois te voltaste com mêdo
Ao grito do bem-te-vi.

III

Serão amores deveras?
Ah! quem dessas primaveras
Pudesse a flor apanhar!
E contigo, ao tom d'aragem,
Sonhar na rêde selvagem...
À sombra do azul palmar!

IV

Bem feliz quem na viola
Te ouvisse a moda espanhola
Da lua ao frouxo clarão...
Com a luz dos astros - por círios,
Por leito - um leito de lírios...
E por tenda a solidão!»

Ou cálido como a aura vernal nas de AS DUAS FLORES (1870, op. cit. pág. 64):

«São duas flôres unidas.
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gôta de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

. . . .

. . . .

Unidas... Ai quem pudera
Numa eterna primavera
Viver, qual vive esta flor.
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!»

Preferindo os poemas longos, onde mais poderia expandir seu gênio criador, não desprezou o sonêto, tirando efeito das diéreses e das sinéreses:

O véu de rendas sôbre a espádua nua,
«Como o gênio da noite, que desata
Ela solta os cabelos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal que a mão recata,
Embaldo o prende a mão... cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na serenata!...

... Furtivos passos morrem no lajedo ...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam lábios os beijos em segrêdo ...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Oh! surprêsa oh! palor oh! pranto oh! mêdo!
Ai, noites de Romeu e Julieta!...»

(1.ª SOMBRA — Marieta — 1870, op. cit, págs. 73/74)

Eis que, em 1868, um tiro acidental de espingarda lhe fere o pé esquerdo, como um espinho feriu o braço esquerdo de Vicente de Carvalho, anos depois. A êste, amputaram-lhe o braço; a Castro Alves, o pé. Daí para diante o profundo desconsôlo pela mutilação, êle que marcara época pela aparencia física.

Seu desgôsto se mede pelas frases, ditas ao médico, no Rio, em 1869, em tom de gracejo, na hora da operação: «corte-o, corte-o, doutor. Ficarei com menos matéria que o resto da humanidade».

Para agravamento da tortura física, a sentimental, pois que, tempos depois, despede-se em definitivo de Eugênia Câmara, retornando a Salvador, e dali para o sertão, a conselho médico, devido à tuberculose que contraíra e que o levaria ao túmulo. Mas retorna a Salvador. Para sempre.

Nesse período que antecedeu ao desenlace, escreve versos líricos as mais das vêzes repassados de angústia e de saudade, sentindo que perdia a mocidade pelas garras da morte. E cartas. E nestas, aos amigos, uma ponta do travo do desconsôlo pela mutilação e pela doença que lhe devora os pulmões: «Julgo mesmo que notáveis melhoras se têm manifestado, e se as moças fôssem termômetro... eu diria que já estou mais gordo, sim, menos magro...» (Carta de 28 de janeiro de 1870, a seu amigo Luiz Cornélio dos Santos). Tem senso de humor ditado pelo desejo ardente de viver, e vai viver mais de ano e meio em períodos de alegria ou de angústia, de amor ou de saudade, sempre escrevendo, produzindo versos épicos e líricos, êstes em maior quantidade, talvez ditados pelos sofrimentos físicos e espirituais, que ainda não esqueceu de todo Eugênia Câmara.

«Feliz quem possa na ansiedade louca
Essa bela mulher prender nos braços...
Beber o mel na rosa desta bôca,
Beijar-lhe os pés... quando beijar-lhe os passos!»

NO CAMAROTE, 1871, op. cit. pág. 145).

«Certo... serias tu, donzela casta,
Quem me tomasse em meio do Calvário
A cruz de angústia que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadário,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosário!...»

(SONETO — 7.ª SOMBRA, op. cit. pág. 77).

«Ai! toca! No meu ser acorda ainda um estro
A voz de Gottchalk — o *esplêndido maestro —*
Aos lampejos da luz — do Moço Paulistano! —

Ai! toca! Enche de sons o derrdaeiro dia
Daquele que só tem... por sonho — uma harmonia!
Por única riqueza... a ti... e ao teu piano!»

(A MINHA IRMÃ ADELAIDE, maio, 1871, pág. 149).

No poema LONGE DE TI (Bahia, 1871, pág. 147), repete, com algumas alterações, versos das estrofes de HORAS DE MARTÍRIO, dando asas a angústia e à solidão:

Ó meu Deus! manda as horas que fujam,
Que desfilem em fio os instantes...
E o ponteiro que passa os quadrantes
Marque a hora em que a possa fitar!
Como Tântalo à sêde morria,
Sem achar o confôrto preciso...
Morro à mingua, meu Deus, de um sorriso!
Tenho sêde, Senhor, de um olhar».

Aproxima-se o 6 de julho dêsse ano, 1871, e o poeta já não deixa o leito, assistido pelo carinho dos familiares, em especial a irmã Adelaide e a madrasta, D. Maria R. Guimarães Faz retrospectos de sua vida tão curta, dos amores que têve, de tôda a sua obra poética e das campanhas literárias ou políticas que encetou. E se sente satisfeito e conformado com as circunstâncias. Um dia antes pedira um espelho, e ao se ver refletido em sua polida superfície, exclama: «já não sou o mesmo... como a morte desfigura as suas vítimas...» E ao ouvir a última badalada da meia noite: «será possivel, meu Deus, ainda um dia de dor?». Sim, era possível. Até às 3 e meia da tarde do dia 6 de julho, horas depois de receber a visita do seu ex-professor, Padre Turíbio Fiuza, quando balbucia para a irmã: «guarda êste lenço... com êle enxugaste o suor de minha agonia».

Dai para diante fica imóvel a contemplar o céu, através da janela do quarto, presentes sua madrasta, sua irmã Adelaide, seu cunhado Chico, seus outros irmãos, e Augusto Álvares Guimarães e Antônio Franco da Costa Meirelles. Logo depois o olhar vai esmaecendo, enquanto nos céus das Américas surge uma nova estrêla de primeira grandeza! e os pais já não precisam temer o D. Juan de outrora.

Naturalmente muita coisa ficou ao largo destas breves notas, e o pouco que nelas ficou dito serve para lembrar a imortalidade da verdadeira Arte pelos versos do poeta da

«ODE AO DOIS DE JULHO», versos que atravessam fronteiras, varam os tempos, sobreexcedem as gerações, transmontam as críticas, resplandecendo como as estrêlas, porque, como elas, têm luz própria e lugar cativo e de destaque no céu da literatura.

Antônio Frederico de Castro Alves, o homem, morreu. Castro Alves, o poeta patrono da cadeira n.º, 7, da Academia Brasileira de Letras, hoje ocupada pelo piauiense Hermes Lima, não! Continua vivo. Imortalizado pelos versos escritos há uma centúria.

«Onde nos vimos nós?... És doutra esfera?
És o ser que busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem és tu? Quem és tu? — És minha sorte!
És talvez o ideal que est'alma espera!
És a glória talvez! Talvez a morte!...»

(Sonêto — OITAVA SOMBRA — 1870, págs. 77/78).

«Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor, que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos, outrora,
Venderam seu irmão!

....

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meus Deus! Senhor, meu Deus!...»

(VOZES D'ÁFRICA, S. Paulo, 1868, op. cit. pág. 212).